

VERISSIMO



SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃES
LEE SIEGEL

TERÇA-FEIRA
ARNALDO JABOR

QUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTA

QUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMO

SEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATOUM

SÁBADO
MARCELO RUBENS
PAIVA
SÉRGIO TELLES

DOMINGO
LUIS FERNANDO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO

Lá vai um...

O sono não vem. Você já leu tudo que queria ler e o sono não vem. Você já repassou tudo o que fez durante o dia e planejou tudo o que fará no dia seguinte e o sono não vem. E o dia seguinte ainda está longe.

Contar carneirinhos pulando a cerca, será que adianta mesmo? Coisa de americano. Mas lá vai um, lá vai dois, lá vai três... Ih, lá vem o um de volta. Organização, gente. Lá vai quatro. O cinco não conseguiu. O seis pulou em cima do cinco... Assim não vai dar. Você vai ficar ainda mais tenso.

Pensar em nada. Isso. Fechar os olhos e pensar em nada. Esvaziar o cérebro. Concentrar o pensamento num ponto no exato centro do seu cérebro, depois transportar esse ponto para o exato centro do Universo. Você não é mais você, você é o que existe em torno desse ponto luminoso no exato centro do Universo. Você é o Universo! Se você abrir os olhos o Universo varará pelos

seus olhos e inundará seu quarto, inundará sua vizinhança... Suas pálpebras são só o que retém o Universo dentro do seu cérebro e o impedem de invadir... o Universo. Suas pálpebras são as únicas tênues defesas do Universo contra o caos. Não abra os olhos, não abra os olhos, não abra os... Você abre os olhos, em pânico. Quem pode dormir com tanta responsabilidade?

Quem sabe ler mais um pouco? Tanta coisa pra ler... Na verdade, só quem tem insônia tem tempo para ler. E por isso que todo intelectual tem aquela cara de zozzo. Não é cultura, é sono. Intelectual não dorme. Não dorme porque é intelectual ou é intelectual porque não dorme e tem tempo pra ler? Você não sabe. A sua insônia não tem qualquer proveito cultural. A sua insônia, além de tudo, é burra.

Você lembra que quando era criança achava que tinha um monstro embaixo da cama. Quando precisava fazer xixi durante a noite, dava um pulo da cama, pro monstro não pegar o seu pé. E na

Família Brasil



volta dava outro pulo pra cima da cama. O engraçado era que você nunca imaginava que o monstro fosse sair de baixo da cama e correr atrás de você. Era um monstro terrível, comedor de pé de criança, mas era preguiçoooooso... Você pensa: até que seria bom se houvesse mesmo um monstro embaixo da sua cama. Pelo menos alguém para conversar. Trocar reminiscências da infância... Lembra os pulos que eu dava para cair na cama sem você me pegar? Vocês dariam boas risadas.

Nem precisava ser um monstro. O ideal seria ter um psicanalista embaixo da cama. Além de alguém para conversar, alguém para curar a sua insônia. Quem sabe contar psicanalistas pulando a cerca? Lá vai um, lá vai dois, lá vai três... Ei, você, o quarto: não é pra analisar o simbolismo da cerca, é pra pular! Deve ser um freudiano ortodoxo. Lá vai quatro, lá vai cinco...

Você começa a enumerar todas as mu-

lheres que teve na sua cama de adolescente. Artistas de cinema, vizinhas, primas... Sua imaginação as colocava ao seu lado na cama e você se amavam loucamente. E o melhor: depois do amor, depois de saciado - você dormia! Como você dormia antigamente. Que fim levava aquele sono todo?

Cérebro vazio. Pensar em nada. Esperar o amanhecer. Esperar o bendito dia seguinte. E o dia seguinte parece ficar cada vez mais longe.

Música. Ópera



Desejo e sedução. A soprano Anke Berndt como Lulu

DIVULGAÇÃO

João Luiz Sampaio
MANAUS

MANAUS COMO CENÁRIO

O centro de Manaus parece parado no tempo, preso entre duas realidades. De um lado, a recém-restaurada arquitetura da Belle Époque amazônica, fruto do auge do comércio da borracha no século 19, envolve o centenário Teatro Amazonas no Largo São Sebastião. De outro, não longe dali, a arquitetura rude e cinzenta segue imutável, ano após ano, convivendo com palafitas que evocam a vida ribeirinha - e a precariedade de uma urbanização feita pela metade.

Nas últimas semanas, porém, os dois cenários convergiram a um mesmo espaço - o da arte. Destaque da 16.ª edição do Festival Amazonas de Ópera, uma nova montagem da *Lulu*, de Alban Berg, trouxe a ação da Europa para o Brasil. E, se nos dois primeiros atos é a paisagem carioca que acompanha a trama, o desfecho trágico da história se dá em uma Manaus feita de palafitas, castigada pela chuva. "Precisava ser assim", disse à imprensa o diretor hispano-argentino Gustavo Tambascio. "Lulu precisava morrer em Manaus, em palafitas, no final do carnaval, pelas mãos de um serial killer", completou.

Na versão original, Lulu morre em Londres - pelas mãos de Jack, o Estripador. "Original" em termos. Berg morreu em dezembro de 1935, antes de completar o último ato. Arnold Schoen-

berg não quis terminar a obra - e a mulher do compositor proibiu então que alguém o fizesse. Apenas com sua morte, nos anos 70, um novo final foi encomendado, a partir das anotações de Berg. Trinta anos depois, a montagem manauara marca a estreia latino-americana da versão.

Mesmo incompleta, *Lulu* já havia conseguido a façanha de ser um dos pilares da história do gênero. Fazendo uso da técnica dodecafônica, se mantém fiel ao espírito da vanguarda sem abrir mão da fluência narrativa e de certa dose de lirismo que, no fim das contas, estão no cerne do gênero. Baseada na peça de Frank Wedekind, narra a história de uma mulher que coleciona amantes e, no final da ópera, é perseguida pelo passado até se entregar à morte.

Não há nessa trajetória moralismo ou redenção. Em um contexto sufocante, tomado por desejos e sensações, nenhuma cer-

teza do espírito dura mais que alguns compassos. O símbolo da desconstrução é o amor que todos buscam, ainda que signifique a destruição. E o homem, na ópera, foi poucas vezes tão precário, contraditório - e humano.

Luiz Fernando Malheiro, diretor artístico do festival, conta que levar *Lulu* ao palco era um sonho antigo. Um título como esse, no entanto, não se constrói a partir do vazio. E foi apenas a experiência adquirida durante as 16 edições do evento, com obras como a tetralogia *O Anel do Nibelungo*, de Wagner, que permitiu a façanha. A princípio, conta, o plano era ter um elenco totalmente brasileiro. "Mas depois de vários convites feitos e recusados, tivemos que buscar pelo menos três cantores europeus. O processo de ensaios foi lento e cuidadoso. A orquestra resistiu um pouco, mas acabou se envolvendo também com a

partitura e a novidade." Malheiro, responsável pelo desempenho impecável da Amazonas Filarmônica, não revela os nomes daqueles que, assustados com a dificuldade da partitura, desistiram do projeto. Mas o esforço parece ter recompensado os que disseram sim. Se os estrangeiros - a soprano Anke Berndt, como Lulu, entre eles -, deram aula de interpretação, brasileiros como Eduardo Amir, Gilberto Chaves, Pepes do Valle, Juremir Vieira e Carolina Faria não apenas tiveram desempenho vocal excelente, como se mostraram à vontade na cena fragmentada, que a todo instante flerta com o absurdo, proposta por Tambascio.

Na cartilha do festival, a ousadia de programar *Lulu* divide espaço com uma nova produção de uma favorita do público, *A Flauta Mágica*. Com estreia prevista para o próximo fim de semana, a produção tem direção musical de Marcelo de Jesus e um elenco en-

cabado por dois brasileiros, o tenor Giovanni Tristacci e a soprano Gabriella Pace. E, como *Lulu*, também terá a paisagem amazônica como pano de fundo. Malheiro conta que foi mera coincidência. E o encenador Robert Drive confirma. Há 20 anos ele dirige a Ópera de Filadélfia. E há "algum tempo" queria produzir nos Estados Unidos uma "Flauta Amazônica". Depois de conhecer o Festival Amazonas, procurou Malheiro com a proposta de uma coprodução. "Eu queria uma montagem que se concentrasse na oposição entre o bem e o mal, com o natureza como pano de fundo, o que me parece fundamental na obra. Natural que a história se passasse então na Amazônia." A Rainha da Noite, assim, tornou-se uma "empresária impiedosa cuja ambição e cobiça são capazes de reduzir a floresta a cinzas". Já Tamino, o herói mozartiano, é visto como o neto de Alexander Humboldt, pesquisador alemão que pesquisar a flora e a fauna amazônicas no século 19.

O diretor rechaça qualquer ideia de exotismo. Evoca a própria história - nasceu no Brasil e mudou-se na infância para os Estados Unidos - como forma de demonstrar sua relação com a terra. Quando entrou na faculdade de artes cênicas, conversou por telefone com o pai, que ficara no Brasil - e ele lhe disse que precisava conhecer a casa de ópera de Manaus. "É bom estar aqui", completa.